

Paraíba

A história de Mayara, sua mãe Ana e sua irmã Monaline: um sonho que virou vida no Semiárido



Tudo começou com um desejo simples, mas persistente: morar no sítio. Desde pequena, Mayara Medeiros Lima dizia que queria viver da terra. “A gente tá aqui hoje por causa dela”, conta Dona Ana Lúcia Medeiros, sua mãe.

Mas, ao ouvir essa história, fica evidente que não dá para falar de Mayara sem falar da sua família. Ao lado da mãe, Dona Ana, do pai, Marinaldo Rodrigues e da irmã, Monaline Medeiros, construíram uma trajetória marcada por luta, trabalho e resistência no Assentamento Pequeno Richard, em Campina Grande. Hoje, também compartilham esse espaço com as crianças da família: Ana Helena, filha de Mayara, Luiz Matheus, Luiza e o jovem Albert Hugo, filhos de Monaline.

Antes de chegar ao assentamento, a família vivia no bairro do Alto Branco, em Campina Grande. Foi em 2007, quando Mayara tinha 18 anos, que decidiram mudar de vida. Junto a outras 50 famílias, acamparam no pátio da fazenda Catolé, onde passaram nove meses vivendo debaixo de lona, reivindicando a destinação das terras da antiga fazenda para fins de Reforma Agrária. Mesmo nas condições difíceis, mantiveram o que já fazia parte da vida: a criação de galinhas, paixão de Mayara, e também de vacas.

Com a conquista da terra e a divisão dos lotes, em 2009, puderam finalmente ocupar o espaço onde vivem até hoje. Dona Ana lembra que, ao chegar, a área era tomada por macambira, xique-xique e mato fechado. Construíram um pequeno barraco de tijolos e trouxeram os animais do acampamento, iniciando uma nova fase em suas vidas.



Os primeiros anos foram de muitos desafios. O acesso à água era limitado e exigia esforço diário. “Saíamos 4h da manhã pra pegar água num chafariz coletivo, a uns 200 metros aqui de casa. 5h já acabava. Quem pegou, pegou”, relembra Monaline. Com o tempo, passaram a contar com carro-pipa e começaram a armazenar água em tonéis e caixas. Foi apenas em 2012, após a construção da casa com apoio de crédito fundiário, que tiveram acesso à cisterna para água de beber.

Enquanto isso, a rotina era intensa. Mayara estudava à noite e, durante o dia, ajudava no roçado, cuidava dos animais e das tarefas domésticas ao lado da irmã. A família plantava milho, feijão e jerimum, garantindo alimento para a casa e para os animais, mesmo diante das dificuldades, incluindo a perda de alguns bichos por conta da presença de cobras na propriedade.

A mudança mais significativa veio com o acesso às políticas públicas e aos processos de formação. A partir da assessoria técnica do Centro de Ação Cultural - CENTRAC, a família passou a investir em práticas agroecológicas, como o sistema agroflorestal (SAF), com o plantio de acerola, seriguela, goiaba, graviola, umbu, caju e trapiá. Além das frutíferas, também cultivam plantas ornamentais e medicinais, ampliando a diversidade do quintal produtivo e fortalecendo os saberes tradicionais.

“Eu achava que tinha que desmatar pra poder criar os animais, porque era isso que eu via. Mas é o contrário, e só fui aprender nas formações”, conta Mayara.

Também fortaleceram a alimentação dos animais com o plantio de palma e outras forrageiras, além do uso de esterco e mudas de leguminosas como gliricídia e moringa, que receberam dos projetos oferecidos pelo CENTRAC. Hoje, criam porcos, ovelhas, cabras, vacas e galinhas, em um sistema integrado, aproveitando melhor a biodiversidade da própria propriedade.



Além das formações, a família também está inserida em espaços coletivos da comunidade, como o Fundo Rotativo Solidário (FRS) e o Fórum de Lideranças do Agreste, que fortalecem a organização local, a troca de saberes e a construção de autonomia no território.

“Cada uma tem suas coisas, mas a gente cria e cuida juntas. Na hora da venda, cada uma fica com sua parte”, explica Mayara.

A renda da família vem principalmente da criação de animais, especialmente dos porcos. A alimentação diferenciada, baseada em frutas doadas por feirantes e sobras de escolas, além do milho, contribui para a qualidade da carne. Ao mesmo tempo, a produção de carne também garante a segurança alimentar da família, que também consome o leite e o queijo das vacas da própria propriedade.



“Antes era muito sacrifício, hoje as coisas melhoraram mais”, diz dona Ana. Com o trabalho, conseguiram comprar uma moto e um carro, facilitando o deslocamento e o cuidado com os animais.

A lógica da produção está orientada para o consumo familiar, a partilha e a solidariedade. Monaline, que aprecia cozinhar, relata que cerca de 80% da “mistura”, a carne consumida pela família, provém da própria propriedade. O excedente, por sua vez, é comercializado ou doado, fortalecendo os laços de solidariedade e reciprocidade na comunidade.

Nos últimos anos, o acesso à água para produção também trouxe mudanças importantes. Em 2024, Mayara recebeu uma cisterna de água de beber, e Dona Ana passou a contar com uma cisterna de enxurrada, pelo Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2).

Em 2025, Mayara também foi contemplada com uma cisterna calçadão pelo P1+2. Com o recurso do fomento, investiu na construção de um aprisco para as cabras e ovelhas, fortalecendo a criação animal. A expectativa agora é aproveitar o período de inverno para retomar a produção de hortaliças, ampliando ainda mais a diversidade de alimentos na propriedade.

“Quando a cisterna de produção chegou, as coisas foram melhorando”, afirma Mayara.



Além disso, a família também passou a utilizar outras tecnologias sociais que fortalecem a convivência com o Semiárido, como os tanques de placas voltados para a criação animal, o barreiro e o barramento de base zero, que contribuem para garantir água para a produção e para os animais, mesmo nos períodos mais secos. Também contam com o fogão agroecológico, conquistado por meio do Fundo Rotativo Solidário (FRS), que reduz o uso de lenha, a emissão de fumaça e melhora as condições de preparo dos alimentos no dia a dia.

Mesmo com os avanços, a rotina segue exigente. São as mulheres que organizam e sustentam o cotidiano da casa e da produção, articulando o trabalho no roçado, o manejo dos animais e, de forma central, o trabalho de cuidado. No dia a dia, assumem o cuidado com as crianças e com Marinaldo, que se encontra acamado, em uma jornada contínua que demanda tempo, atenção e grande capacidade de organização, para que tudo continue funcionando.

Esse trabalho de cuidado também se estende à reprodução da vida no agroecossistema: são elas que cuidam da conservação das sementes crioulas, do manejo da biodiversidade e da manutenção do quintal, garantindo a diversidade de alimentos e a resiliência da produção. É, portanto, essa gestão coletiva, ancorada no cuidado e realizada por Mayara, Dona Ana e Monaline, que sustenta a vida na propriedade.

Recentemente, a família também passou a investir na preservação de espécies nativas e adaptadas ao Semiárido. Em 2025, receberam um garrote da raça curraleiro pé-duro. “Quero preservar e multiplicar essa semente. Ele é nativo, se adapta, come o que tem na terra”, disse dona Ana.

A história dessa família mostra que viver no campo vai muito além da produção. É sobre construir autonomia, cuidar da terra e garantir alimento saudável. É também sobre aprender a conviver com a natureza, transformar práticas e fortalecer laços.

E, como começou com o sonho de Mayara, segue sendo sustentada pela força coletiva de mulheres que fazem da terra um espaço de vida, trabalho e resistência.

